



A (IN)SATISFAÇÃO COM O CORPO E A VULNERABILIDADE AOS TRANSTORNOS ALIMENTARES EM ADOLESCENTES

*THE (IN)SATISFACTION WITH THE BODY AND THE VULNERABILITY TO
EATING DISORDERS IN ADOLESCENTS*

Karla Carolina Silveira Ribeiro

Faculdade Maurício de Nassau
Campina Grande, PB, Brasil
karlacribeiro@yahoo.com.br

Marcela Silva dos Santos

Universidade Federal da Paraíba (UFPB)
Campina Grande, PB, Brasil
alecramjp83@gmail.com

Josevânia da Silva

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)
Campina Grande, PB, Brasil
josevaniasco@gmail.com

Ana Alayde Werba Saldanha Pichelli

Universidade Federal da Paraíba (UFPB)
João Pessoa, PB, Brasil
analayde@gmail.com

Resumo. A presente pesquisa teve como objetivo analisar os fatores motivacionais que estão associados à vulnerabilidade a transtornos alimentares em adolescentes. A amostra foi composta por 180 adolescentes, entre 14 e 20 anos, que estavam matriculados em escolas públicas do Estado da Paraíba, Brasil. Para coleta de dados utilizou-se grupos de discussões e os mesmos foram analisados por categorias temáticas. Atendendo ao objetivo do estudo, verificou-se a formação da classe temática Imagem Corporal, com a categoria Motivação e suas subcategorias: Influência Social, Influência da Mídia, Comparação e Vaidade. Concluiu-se, portanto, que as transformações psíquicas e corporais, vinculados às cobranças sociais e a necessidade de aceitação dos pares são fatores que estão associados a maiores vulnerabilidades a transtornos alimentares.

Palavras-chave: Vulnerabilidade; Adolescência; Transtorno Alimentar.

Abstract. The present research aimed to analyze the motivational factors that are associated with vulnerability to eating disorders in adolescents. The sample was composed by 180 adolescents between 14 and 20 years who were enrolled in public schools in the State of Paraíba. For data collection used group discussions and were analyzed by thematic categories. Given the objective of this study, it was found the formation of thematic class body image, with the Motivation category and its subcategories: Social influence, Influence, media, Competitiveness and Vanity. It is therefore concluded that the psychic and body transformations, linked to social charges and the need for peer acceptance are factors that are associated with greater vulnerability to eating disorders.

Keywords: Vulnerability; Adolescence; Eating Disorder.

INTRODUÇÃO

A Organização Mundial da Saúde (2010) concebe como jovens as pessoas na ampla faixa de 10 a 24 anos, conceito este adotado pelo Ministério da Saúde para embasar campanhas para este contingente. Nesse sentido, a adolescência integra a juventude, não se limitando a uma etapa cronológica, podendo ser mais um processo vivido distintamente pelas pessoas em busca de autonomia e estabelecimento de um projeto de vida individual (BRASIL, 2010) e, ao mesmo tempo, perpassada por mudanças biopsicossociais.

Dentre os vários aspectos que caracterizam a vivência da adolescência, estão as modificações corporais, como o crescimento dos membros inferiores e superiores e a liberação dos hormônios. Em meio às transformações hormonais, funcionais, afetivas e sociais, as alterações de seu universo físico (corporal) adquirem importância fundamental (FORTES, PAES, AMARAL, FERREIRA, 2012). Verifica-se, ainda, a necessidade que muitos adolescentes possuem de se sentir aceito pelos seus pares e de estar dentro dos padrões de beleza apresentado pela mídia e adotado pelo grupo. Tais aspectos podem contribuir para que os adolescentes tenham dificuldades para entender e lidar com seu novo universo físico e mental, o que ocasiona, muitas vezes, dissonância entre o corpo idealizado e o real, ou seja, uma insatisfação com a imagem corporal. Nessa direção, a literatura (CORSEUIL, PELEGRINI, BECK, PETROSKI, 2009) sugere que quanto mais este corpo se distanciar do real, maior será a possibilidade de conflito, comprometendo sua autoestima e surgimento de transtornos alimentares.

A insatisfação com a imagem corporal tem papel importante na identificação de sintomas e de manifestações clínicas relevantes dos transtornos alimentares (BELING, FERREIRA, ARAÚJO, BARROS, BELING, LAMOUNIER, 2012). Este quadro pode se intensificar na adolescência, sobretudo entre os adolescentes que não aceitam a própria aparência física, o que leva estes jovens a tomar atitudes extremadas no que tange os hábitos alimentares, recorrendo a práticas inadequadas de controle de peso, como dietas sem orientação médica, uso de diuréticos, laxantes, autoindução de vômitos, realização de atividade física extenuante e drogas anorexígenas (VOLPI, 2009).

A compreensão acerca dos aspectos que contribuem para o surgimento de transtornos alimentares também deve levar em consideração o contexto histórico e cultural vivenciado pelos sujeitos. É na década de 1960, por exemplo, que se inicia na sociedade a procura pelo corpo ideal, tornando-se objeto de consumo, tendo como padrão ideal o corpo magro e atlético, de formas bem definidas. Do contrário, a imagem do indivíduo com mais peso passou a ser significada de forma negativa, o que contribuiu para que pessoas com o corpo fora de padrão sofressem, muitas vezes, discriminação social e afetiva (DEL CIAMPO, DEL CIAMPO, 2010).

Este modelo de corpo ideal, característico da sociedade contemporânea, repercute na população adolescente que, de certo modo, é influenciada por tendências sociais e culturais, as quais preconizam os padrões ideais de beleza (VALE, KERR, BOSI, 2011). Segundo Harrison e Hefner (2006), a internalização deste modelo ideal é exercida pela mídia de forma coercitiva, gerando dúvidas e sentimentos como medo, insatisfação e culpa, principalmente em função da supervalorização do corpo esbelto, estando tal supervalorização pautada, muitas vezes, em demandas mercadológicas. Estudo realizado por Conti, Bertolin e Peres (2010) indicou que a influência da televisão nos adolescentes se dá, em sua maioria, por meio da propagação e cobrança um ideal físico, desencadeando sentimentos depreciativos, tanto nos homens quanto nas mulheres.

Além da mídia, a literatura (GERNER, WILSON, 2005) considera que a família e os amigos também exercem influência nos adolescentes quanto a imagem corporal. Para Frois, Moreira e Stengel (2011), os pais e familiares têm papel fundamental no processo de formação da imagem corporal do adolescente, pois se estas figuras parentais mostrarem-se seguros e satisfeitos com seus corpos, podem indicar soluções saudáveis para os adolescentes diante dos conflitos entre imagem corporal e corpos idealizados. Quanto aos amigos, estudos desenvolvidos por Quiles, Quiles, Pamies, Botella e Treasure (2013) demonstraram a influência dos pares no desenvolvimento de transtornos alimentares, uma vez que estes influenciavam o aparecimento de prática de dietas e sintomas bulímicos, sendo esta influência mais significativa entre os pares de adolescentes do sexo feminino.

De modo geral, aspectos específicos do contexto social, a ausência de ações programáticas e governamentais que visem problematizar e desconstruir padrões de beleza e características do próprio indivíduo parecem contribuir para maior ou menor vulnerabilidade aos transtornos alimentares (MARTINS, NUNES, NORONHA, 2008). Nesse sentido, para a análise da vulnerabilidade de

adolescentes aos transtornos alimentares se faz necessário considerar aspectos individuais, sociais e programáticas, uma vez que tais elementos contribuem de forma indissociável para maior ou menor grau de suscetibilidade de indivíduos e coletividades ao adoecimento (AYRES, PAIVA, FRANÇA-JÚNIOR, 2011). A partir da perspectiva da vulnerabilidade é possível uma análise para além de explicações individualizadas, colocando o sujeito na sua relação com o contexto social e considerando o processo de adoecimento como resultante de um conjunto de aspectos procedentes do indivíduo e sua relação com o coletivo. No tocante à vulnerabilidade individual, há que se considerar, ainda, a associação entre crenças acerca do corpo ideal e os meios utilizados para alcançar este padrão, o que é indissociável de uma análise acerca do acesso aos insumos de prevenção (educação, acesso aos serviços de saúde, entre outros), ou seja, a vulnerabilidade programática. Nesse sentido, este estudo teve por objetivo analisar os fatores motivacionais que estão associados à vulnerabilidade aos transtornos alimentares em adolescentes.

MÉTODO

Campo de Investigação

A população deste estudo foi constituída por adolescentes e jovens (14 a 20 anos), matriculados em escolas públicas do Estado da Paraíba, Brasil. Buscando uma representatividade da amostra, foi considerado a divisão do Estado da Paraíba em quatro regiões, conforme proposta do IBGE (2011): Cidade abaixo de 20.000 habitantes = Rural (ZR); Cidades entre 20.000 à 50.000 habitantes = Pequeno Porte (PP); Cidades entre 50.000 e 100.000 habitantes = Médio Porte (MP); Cidades acima de 100.000 habitantes = Grande Porte (GP). Como forma de representar estas regiões, foram sorteadas cidades de cada grupo: Grande Porte (João Pessoa, Campina Grande e Santa Rita), Médio Porte (Patos, Bayeux, Sousa e Guarabira), Pequeno Porte (Sapé, Mamanguape, Monteiro, Esperança) e Zona Rural (Conde, Boqueirão, Coremas) (IBGE, 2011).

A partir da seleção das cidades, os pesquisadores encaminharam-se para as instituições públicas de ensino médio, onde ocorreu a coleta de dados, a partir das turmas de 1º, 2º e 3º ano de cada escola. A unidade amostral foi à turma escolar, mas a coleta e análise dos dados teve como unidade os alunos que concordaram em participar do grupo de discussão e que atenderam aos critérios de inclusão neste estudo (descrita na sessão abaixo).

Participantes

Participaram da amostra 180 adolescentes/jovens, os quais formaram 15 grupos de discussão, sendo cada grupo formado por 12 jovens. Como critério de inclusão no estudo, considerou-se os seguintes aspectos: participação voluntária, apresentar faixa etária de 14 a 20 anos e está cursando o ensino médio em uma instituição pública de ensino estadual. Optou-se por esta escolha, devido à grande abrangência de instituições que ofereciam o ensino médio na rede estadual.

Instrumentos

Para a coleta dos dados, fez-se uso da técnica de grupo de discussão, uma vez que este recurso possibilita entendimento de como se formam as diferentes percepções e atitudes acerca de um fato, prática, produto ou serviços. O grupo de discussão pode ser considerado uma espécie de entrevista de grupo, embora não no sentido de ser um processo onde se alternam perguntas do pesquisador e resposta dos participantes (GRAY, 2012).

A condução do grupo de discussão foi realizada a partir de um roteiro de tópicos, relacionados com os resultados levantados no estudo realizado por Saldanha (2011), que descreveu a Imagem Corporal e as Práticas de Controle do Peso em adolescentes Paraibanos. Como a proposta do método foi desenvolver uma discussão focada em um tema específico, o roteiro conteve, no máximo, dois tópicos dentre aqueles de maior destaque nos resultados do estudo citado, como expresso abaixo:

Embora a maioria dos adolescentes tenha considerado seu peso normal (63%), existe um grande número que está querendo perder ou ganhar peso. As meninas querem emagrecer e os meninos aumentar o peso. Qual o motivo disto acontecer? Qual é o corpo perfeito?

Para emagrecer algumas meninas disseram ficar em jejum, usar laxantes, provocar vomito usar medicamento de tarja preta em receita. E alguns meninos disseram usar anabolizantes. O que vocês pensam disso? Até onde ir para alcançar o corpo perfeito?

Estes tópicos não foram expressos ao grupo em forma de perguntas, mas na forma de estímulos para introduzir o assunto, ou seja, uma solicitação para comentar algo ou descrever alguma experiência.

Procedimentos

A partir da aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba, foi feito contato com a Secretaria Estadual de Educação, a qual permitiu livre acesso as instituições públicas de ensino do estado. Posteriormente, obteve-se a autorização das escolas selecionadas e responsáveis legais dos adolescentes. Na coleta de dados, participaram três pesquisadores treinados, que se deslocaram em equipe para as cidades selecionadas.

Os grupos de discussão foram realizados nas escolas em dias e horários de acordo com a disponibilidade dos alunos e participação voluntária dos mesmos. Para tanto, foram sorteados quatro alunos de cada série, sendo três séries por instituição escolar (no total 6 homens e 6 mulheres). Para a realização do sorteio, os nomes dos voluntários foram anotados e separados de acordo com o sexo em duas urnas. Depois, em cada sala, se retirava de uma urna dois nomes do sexo feminino e da outra dois do sexo masculino, formando-se, assim, os grupos de discussão.

Os conteúdos emergentes dos grupos de discussão foram gravados, com a devida autorização escrita dos componentes e, em seguida, transcritos na íntegra para possibilitar a análise dos dados. Cada grupo de discussão ocorreu com tempo médio de uma hora e vinte minutos.

Análise dos Dados

Com o material emergente dos grupos de discussão foi realizada uma análise categorial temática, com base em categorias determinadas a partir dos temas suscitados e processada em uma série de etapas propostas por Figueiredo (1993), conforme o esquema a seguir, descrito na Tabela 1.

Tabela 1: Etapas do Procedimento de Análise de Conteúdo.

TRANSCRIÇÃO DO MATERIAL	
Primeira Fase (Sessões Individuais)	A. Leitura Inicial
	B. Marcação
	C. Corte
	D. Primeira Junção*
	E. Notação
	F. Organização e Primeira Síntese
	G. Segunda Junção **
Segunda Fase Conteúdos Totais)	H. Leitura Inicial
	I. Organização
	J. Notação
	K. Redação Final

* Conteúdos relacionados a várias Categorias, no mesmo sujeito ou mesmo grupo.

** Conteúdos de vários sujeitos ou vários grupos, em uma mesma Categoria.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A partir das análises dos conteúdos decorrentes dos grupos de discussão, emergiu uma classe temática denominada Imagem Corporal, formada pela categoria Motivações, a qual foi constituída por quatro subcategorias, a saber: Influência Social, Influência da Mídia, Comparação e Vaidade, conforme exposto na Tabela 2.

Tabela 2: Classe Temática e Categorias Emergentes dos Grupos de Discussão.

CLASSE TEMÁTICA	CATEGORIAS	SUB-CATEGORIAS
<i>Imagem Corporal</i>	<i>I – Motivações</i>	1. <i>Influência Social</i> 2. <i>Influência da Mídia</i> 3. <i>Comparação</i> 4. <i>Vaidade</i>

Os resultados indicaram que os participantes da pesquisa descreveram o corpo perfeito conforme as concepções construídas e valorizadas socialmente, bem como demonstraram que tais concepções influenciam os adolescentes na construção e idealização do corpo de consumo enquanto objeto de desejo. Nesse sentido, a pressão social para se alcançar esse ideal de corpo é de tal magnitude que leva os adolescentes, tanto do sexo masculino como feminino, a buscar meios rápidos e eficazes para se atingir o modelo idealizado, independentemente dos malefícios que pode acarretar à saúde. As falas abaixo exemplificam essa busca pela perfeição do corpo e consequente insatisfação com o mesmo, ocasionado pela necessidade hedonista de tê-lo como objeto de desejo:

“Os meninos, vamos dizer assim, porque querem está com aquele corpo desejado, fazendo do seu corpo, muitas vezes, vamos dizer, uma ferramenta para esses desejos.” (MAS/PP). (...) “se o padrão exige que as meninas sejam magras, então elas vão ser magras para os meninos olharem para elas, por causa do corpo bonito, a mesma coisa acontece com os meninos.” (FEM/PP). “Porque a própria sociedade cobra mesmo, de ter um corpo magro, de modelo.” (FEM/PP). “Porque a mesma sociedade que aceita, pode excluir. As pessoas que não estão dentro desse padrão de beleza são excluídas, aí, o medo de ser excluído, o medo de ficar fora desse padrão da sociedade faz com que eles entrem nesse padrão.” (FEM/GP). “A cobrança não é só da sociedade, mas entre as próprias meninas, os próprios amigos e principalmente os namorados.” (FEM/PP).

Nestes discursos observa-se que o corpo passa a ser a representação da descoberta da sexualidade, sua conquista e aceitação. Na adolescência surge o interesse sexual e a necessidade de ser correspondido, ou seja, ter aprovação do outro como própria afirmação do seu eu. O corpo, então, passa a representar o status social, sua própria identidade nas relações com os pares e ser desejado ou conseguir conquistar passa a ser entendido como o processo de aceitação ao grupo e sucesso pessoal. Segundo Fortes, Paes, Amaral, e Ferreira (2012), ainda perdura na sociedade atual a crença de que ser magra é sinônimo de competência e ser atraente, ainda valorizando um padrão de corpo perfeito – magreza feminina e corpo musculoso masculino –, o qual é intimamente relacionado com uma imagem de poder, sucesso e mobilidade/aceitação social e sexual.

A ideia de um padrão corporal, supostamente ideal, tem impacto considerável sobre a autoimagem das pessoas que se sentem impelidas a buscar um corpo magro, atraente e em forma, independentemente da sua realidade corporal. Segundo Maldonado (2006), pessoas que se encontram distante deste padrão podem adquirir uma autoimagem negativa e sofrer de distúrbios emocionais e alimentares.

Neste contexto, a influência social apresentada acima se torna materializada nos meios de comunicação. Verifica-se que os comerciais, as novelas e os programas de televisão apresentam a beleza e o corpo esguio e forte associado ao sucesso. Entende-se que este padrão estético conduz as mulheres a uma aparente insatisfação crônica com seus corpos, ora se odiando por alguns quilos a mais, ora adotando dietas altamente restritivas e exercícios físicos extenuantes, como forma de compensar as calorias ingeridas a mais. Todas essas ações realizadas têm como objetivo moldar o corpo para que esse se aproxime cada vez mais dos modelos corporais presentes e estimulados pela mídia, conforme mostra os relatos dos participantes:

(...) “o padrão de beleza hoje em dia exige que as mulheres sejam bem-feitas, sejam magras aí elas seguem.” (FEM/GP). (...) “também tem a questão do padrão da moda, o padrão da moda é um padrão impossível de se alcançar” (...) (FEM/PP). “Tem a pressão da mídia, os jornais que sempre mostra assim as mulheres, pra ficar mais magras, pra ficar mais fortes, aí as pessoas que vêem esse comercial, ah, eu quero isso, vou querer ficar com esse corpo igual ao dessa atriz, aí começa a...” (MAS/GP)... “Eu acho que essa questão das meninas quererem emagrecer é também por causa da mídia, porque hoje em dia a sociedade está querendo muito das pessoas, aí tipo assim, vê na televisão um corpo magro aí acham que ser magérrima faz bem pra saúde, é bonito, os homens vão querer. E a mesma coisa é com os homens, os meninos querem ficar fortes, bem definidos pra que? Pra sociedade mesmo.” (FEM/GP)

É possível considerar que os discursos dos adolescentes demarcam o próprio contexto social presente em suas vivências ao demonstrarem que seus comportamentos estão progressivamente modulados pela mídia, que impõe ideais de saúde e juventude e difunde conselhos dietéticos, estéticos, desportivos, sexuais e psicológicos. Corroborando com estas afirmações, Wanderley e Ferreira (2010) destacam que, mesmo em meio às diferenças raciais e étnicas, a mídia persiste em impor um padrão idealizado e homogêneo de beleza. Entretanto, o que se vê na mídia, enquanto imposição de valores, pode gerar equívocos, já que esta disponibiliza imagens e padrões pouco prováveis de serem atingidos e que desrespeitam as necessidades subjetivas de cada indivíduo, distanciando-o do seu corpo singular.

Destaca-se, ainda, a discrepância existente entre o que se é desejado na cultura e o próprio processo da puberdade, tendo em vista que nesta fase ocorrem as modificações corporais, como crescimento da cabeça, modificações nos membros inferiores e superiores, acúmulo de gordura em regiões como cintura e quadril (MARTINS, NUNES, NORONHA, 2008). Neste processo de transformação, os adolescentes se deparam com os modelos de beleza padronizados e com a extrema valorização da aparência veiculada pelos meios de comunicação, nos quais há uma desconsideração da subjetividade e das idiossincrasias de cada indivíduo. Deste modo, mais importante que sentir, pensar e criar, é valorizado o ter medidas perfeitas, considerando-se o padrão de magreza e corpo torneado como ideal.

Os dados da presente pesquisa apontam para a dimensão social da vulnerabilidade dos adolescentes aos transtornos alimentares, sobretudo quando se considera a influência da mídia, a pressão social e a relação com seus pares. Tendo em vista que esta fase é marcada pelas relações sociais com outros grupos, transcendendo os limites dos vínculos familiares característico da infância, os púberes adentram ao contexto social das relações com os pares no intuito de expandir suas interações e formar seus conceitos pessoais e moldar a sua identidade social. Para tanto, um dos mecanismos muito utilizado pelos adolescentes é a comparação social, no qual os adolescentes estabelecem a sua identidade pessoal e social através de comparações entre eles próprios e outros, desde que tenham atributos que sejam valorizados (WYKES, GUNTER, 2005). Por isso, adolescentes do sexo feminino encorajadas por amigas do mesmo sexo têm mais chances de fazer dietas. No sexo masculino, são os amigos que exercem mais influência na imagem corporal, sendo esta influência mais significativa que a dos pais (VALE, KERR, BOSI, 2011).

É neste contexto que a aceitação do seu grupo de pertença e suas influências mútuas passam a ser valorizados e descritos como explicação e definição de si. A valorização da beleza, do status e os meios para atingi-los passam a demarcar ações e desejos que são incorporados em suas práticas sociais. Assim sendo, a aparência e o físico são determinados pela comparação social e pelo desejo de se aproximar do grupo do qual almeja pertencer, criando um modelo padrão a ser alcançado e o mesmo é tido como unidade central, delimitadora do indivíduo em relação aos outros. Essa visão de status e comparação atrelada ao corpo pode ser observada através dos discursos dos participantes abaixo:

(...) “mulher que gosta de carisma, de chegar e pá! Explodir! É sério mesmo, procuram um corpo perfeito para se apresentar para outras mulheres e depois que passa a fase da adolescência é que começa a pensar em si mesma.” (MAS/GP). (...) “uma mulher nunca quer ficar bonita pra si mesma, mas sim mais bonita do que as outras. Pensa assim, eu tenho que ficar mais bonita, mais chique do que ela... ela não se preocupa em ficar bem consigo mesma é como se fosse uma competição!” (FEM/GP). “Dizem que mulher procura estar bonita para as outras, de um modo geral é assim” (...) (MAS/GP).

As falas dos participantes remetem à comparação social enquanto mediadora da percepção corporal. Neste cenário, verifica-se que, na perspectiva desses adolescentes, o corpo deve preencher determinados requisitos a fim de tornar possível a aceitação social. Emagrecer torna-se uma imposição, uma condição para ser aceito, enquanto permanecer com o peso aumentado é uma opção de vida cruel e de exclusão, o que em parte explica a exacerbada preocupação com o controle da modelagem do corpo, além da preocupação e do medo da obesidade.

Outro aspecto destacado pelos participantes referiu-se à vaidade, sendo esta uma das explicações para a constante insatisfação com a imagem corporal, sobretudo entre as mulheres. Para Abdala (2008), o termo vaidade pode ser compreendido como a preocupação com a aparência física, a qual possui relação direta com o nível de expectativa que alguém tem em relação à sua beleza, seja de forma positiva ou negativa (ABDALA, 2008). Nesse sentido, quanto mais vaidosa for a pessoa, mais ela irá consumir para melhorar a aparência, denotando, dessa forma, uma insatisfação com a mesma. Esta concepção sobre vaidade defendida pelo autor supracitado corrobora os dados encontrados nos relatos dos participantes. Os adolescentes entrevistados relataram que, além da comparação social, a vaidade está vinculada à procura do corpo perfeito, como exemplificado nos discursos:

“Porque eu acho, que devido à vaidade da mulher pode estar magra do jeito que for que ainda acha que está acima do peso. ” (MAS/PP). “Porque hoje em dia os que eles estão dando muito valor é o corpo, a beleza física, não o que a gente pode estar sentindo ou sofrendo por aquilo ali, eles só querem saber que está bonito e tem que ser bonito” (FEM/PP).

A vaidade, deste modo, apresenta-se como dispositivo individual e motivador para os adolescentes procurarem o corpo ideal, bem como explicaria, em parte, o aparecimento de condutas geradoras de sofrimento para os adolescentes.

Mediante o exposto, há que se considerar que as exigências impostas pela sociedade acerca da imagem corporal não são facilitadoras do processo de busca pelo entendimento da real condição física que cada pessoa possui. Seus corpos tornam-se adestrados e "reformados" para melhor encaixarem-se em uma retidão corporal capaz de mantê-los dentro de um padrão. Verifica-se que os modelos estéticos e sociais moldam a anatomia do corpo feminino, modificam seu discurso, alteram o status em que estão inseridos, exibindo regras morais e censuras corporais. Nessa direção, Barros, Bankoff e Schmidt (2005) demonstram que a funcionalidade do corpo na sociedade atual é meramente exibicionista no âmbito das variações de beleza e aparência estética, embora haja outras tantas funções que um corpo pode realizar.

Ademais, a ideia de corpo perfeito e a ampla distorção da percepção corporal não são fenômenos que ocorrem apenas entre os adolescentes ou que perpassa apenas as mulheres. Trata-se de uma problemática que repercute na vida das pessoas em geral e tem demandado ações em saúde tendo em vista a prevenção de transtornos alimentares.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As produções sociais e midiáticas que tem por foco determinado modelo ideal de imagem corporal apresentaram-se como fatores de vulnerabilidade aos transtornos alimentares na perspectiva dos adolescentes. Para os participantes, isto justificou, em parte, a existência de um ideal de beleza feminina e masculina, centrado na magreza e no corpo musculoso, respectivamente.

Uma vez que o ideal de magreza e corpo escultural se torna uma impossibilidade biológica para a maioria das mulheres e homens, a insatisfação corporal tem se tornado cada vez mais comum. Assim sendo, o contexto sociocultural e o momento de transformação psíquica e social que o jovem passa podem se tornar fatores que modulam e impactam na ocorrência dos transtornos alimentares.

Os resultados aqui apresentados são de natureza exploratória e descritiva, se fazendo necessário o desenvolvimento de estudos futuros que leve em consideração o uso de delineamentos comparativos com outras realidades e/ou outros grupos críticos. Há que se considerar, no entanto, que a perspectiva teórica da vulnerabilidade tem por objetivo analisar a vulnerabilidade em seu caráter processual e contextual, não sendo possível a indicação de variáveis causais para a ocorrência dos transtornos alimentares entre os adolescentes. Assim, a vulnerabilidade dos adolescentes da presente

pesquisa deve ser compreendida em razão dos seus contextos de pertença e condições de vida. Deste modo, não se pode dizer que os adolescentes “são” vulneráveis aos transtornos alimentares enquanto uma condição natural, mas que “estão” vulneráveis mediante os seus contextos e condições de vida, a partir de um contexto sócio-cultural e de acordo com os recursos que possuem para enfrentamento. Esta perspectiva, assim, não permite individualizar a problemática em questão, mas possibilita incluir a dimensão coletiva dos processos de saúde e doença.

REFERÊNCIAS

- ABDALA, P. R. Z. Vaidade e Consumo: como a vaidade física influencia o comportamento do consumidor. 2008. 139 f. Dissertação (Mestrado em Administração) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.
- AYRES, J.R.C.M.; PAIVA, V.; FRANÇA JUNIOR, I. From natural history of disease to vulnerability. In: PARKER, R.; SOMMER, M. Routledge Handbook in Global Public Health. New York: Routledge, 2011. p. 98-107
- BARROS, D. D.; BANKOFF, A. D. P.; SCHMIDT, A. Imagem corporal da mulher: a busca de um corpo ideal. **Revista Digital**, Buenos Aires, año 10, n. 87, 2005. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd87/mulher.htm>>. Acesso em: 30 agosto. 2013.
- BELING, M.T.C.; FERREIRA, M.F.R. ; ARAUJO, A.M.M. ; BARROS, A.F.S. ; BELING, G.; LAMOUNIER, J.A. . Alterações na imagem corporal entre adolescentes do sexo feminino e fatores associados. **Adolescência & Saúde**, v. 9, p. 11-18, 2012.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção a Saúde. “Adolescência. Juventudes e Participação Adolescentes e Jovens para a educação entre pares: Saúde e prevenção nas escolas”. Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais. Brasília: Ministério da Saúde, 2010.
- CONTI, M.A.; BERTOLIN, M.N.T.; PERES, S.V. Adaptação transcultural: tradução e validação de conteúdo para o idioma português do modelo da Tripartite Influence Scale de insatisfação corporal. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 26, n. 3, p. 503-13, mar. 2010.
- CORSEUIL, M.W.; PELEGRINI, A.; BECK, C.; PETROSKI, E.L. Prevalência de insatisfação com a imagem corporal e sua associação com a inadequação nutricional em adolescentes. **Revista da Educação Física/UEM**, Maringá, v. 20, n. 1, p. 25-31, jan./mar. 2009
- DEL CIAMPO, L.A.; DEL CIAMPO, I.R.L. Adolescência e imagem corporal. **Adolesc. Saúde**, v. 7, n. 4, out./dez. 2010.
- FIGUEIREDO, M.A.C. Profissionais de Saúde e AIDS. Um estudo diferencial. *Rev. Medicina (Ribeirão Preto)*, v.26, p.393-407, 1993.
- FORTES, L.S.; PAES, S.T.; AMARAL, A.C.S.; FERREIRA, M.E.C. Insatisfação corporal e comportamento alimentar inadequado em jovens nadadores segundo níveis econômicos e competitivos. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, Rio de Janeiro, v.61, n.1, p.20-4, 2012.
- FROIS, E; MOREIRA, J; STENGEL, M. Mídias e a imagem corporal na adolescência: o corpo em discussão. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v.16, n. 1, p. 71-77, jan./mar. 2011.
- GERNER, B.; WILSON, P.H. The Relationship between Friendship Factors and Adolescent Girls’ Body Image Concern, Body Dissatisfaction, and Restrained Eating. **Int J Eat Disord**, v.37, p. 313–320, 2005.
- GRAY, D.E. **Pesquisa no mundo real**. Porto Alegre: Editora Penso, 2012.
- HARRISON, K.; HEFNER, V. Media exposure, current and future body ideals, and disordered eating among preadolescent girls: a longitudinal panel study. **J Youth Adolesc**, v.35, p.153–163, 2006.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE, Anuário Estatístico do Brasil. Rio de Janeiro, v.71, p.1-74, 2011.

MALDONADO, G.R. A educação física e o adolescente: a imagem corporal e a estética da transformação na mídia impressa. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, v.5, p.59-76, 2006.

MARTINS, D.F.; NUNES, M.F.O.; NORONHA, A.P.P. Satisfação com a imagem corporal e autoconceito em adolescentes. **Psicologia teoria e pratica**, v.10, p. 94-105, 2008.

NUNES, A.L.; VASCONCELOS, F.A.G. Transtornos alimentares na visão de meninas adolescentes de Florianópolis: uma abordagem fenomenológica. **Ciência e saúde coletiva**, v.15, p. 539-550, 2010.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE (OMS), Los jóvenes y los riesgos sanitarios. 64a. Asamblea Mundial De La Salud. Punto 13.16 del orden del día provisional, 2010.

QUILES, Y.; QUILES, M.J.; PAMIES, L.; BOTELLA, J.; TREASURE, J. Peer and family influence in eating disorders: A meta-analysis. **European Psychiatry**, v.28, p.199-206, 2013.

SALDANHA, A.A.W. Situações de Vulnerabilidade à Gravidez na Adolescência: Estilo de Vida e Comportamentos de Risco de Adolescentes Paraibanas. Relatório Final, Projeto Temático, Processo CNPq 551215/2007-0, Edital nº 22/2007- Saúde da Mulher. João pessoa, PB: Universidade Federal da Paraíba, 2011.

VALE, A.M.O.; KERR, L.R.S.; BOSI, M.L.M. Comportamento de risco para transtornos do comportamento alimentar entre adolescentes do sexo feminino de diferentes estratos sociais do Nordeste do Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, v.16, p.121-132, 2011.

VOLPI, J.H. **Body modification: uma leitura caracterológica da identidade inscrita no corpo**. Curitiba: Paraná, 2009.

WANDERLEY, E.N.; FERREIRA, V.A. Obesidade: Uma perspectiva plural. **Ciência e Saúde Coletiva**, v.15, p. 36-45, 2010.

WYKES, M.; GUNTER, B. **The Media Body Image: If Looks Could Kill**. Sage Pub: London, 2005.

MINIBIOGRAFIA

Karla Carolina Silveira Ribeiro (karlacribeiro@yahoo.com.br)



Possui graduação em Licenciatura em Psicologia pela Universidade Federal da Paraíba (2006), graduação em Psicologia pela Universidade Federal da Paraíba (2008), mestrado em Psicologia (Psicologia Social) pela Universidade Federal da Paraíba (2010) e doutorado em Psicologia (Psicologia Social) Ufpb/J.P. - Ufrn pela Universidade Federal da Paraíba (2013). Atualmente é contratada da Faculdade Maurício de Nassau - Campina Grande, experiência na área de Psicologia, com ênfase em Psicologia Social e Psicologia Cognitiva, atuando principalmente nos seguintes temas: adolescência, vulnerabilidade as dsts/aids e autoconceito.

Link para Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9853078373912371>

Josevânia Da Silva (josevaniasco@gmail.com)



Formação Profissional: Psicóloga, Mestre e Doutora em Psicologia Social pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Atuação profissional: Docente Adjunta do Departamento de Psicologia e professora do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Saúde (Mestrado) da Universidade Estadual da Paraíba. Docente Titular do Centro Universitário de João Pessoa (UNIPÉ) e vice líder do Núcleo de Pesquisa Vulnerabilidades e Promoção da Saúde (UFPB). Editora da Revista InterScientia e Avaliadora de periódicos da Área de Psicologia. É membro do GT/ANPEPP - Relações Intergrupais: Preconceito e Exclusão Social. Pesquisadora em temáticas relacionadas à Psicologia Social e Saúde, Envelhecimento, vulnerabilidades e HIV/AIDS, trabalho e subjetividade de profissionais de saúde.

Link para Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3334886715789820>

Marcela Silva dos Santos (alecramip83@gmail.com)

Graduada em Licenciatura e Formação de Psicólogo pela Universidade Federal da Paraíba (2007/2008), tendo como áreas de interesse: Psicologia, com ênfase em Psicologia Social e Psicologia Clínica Cognitivo-Comportamental. Atualmente, Mestre em Psicologia Social pela mesma instituição.

Link para Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6035566606086490>

Juliana Rodrigues de Albuquerque (juh_ufpb@yahoo.com.br)



Doutoranda em Psicologia Social (UFPB), mestre em Psicologia Social (UFPB), especialista em Saúde Coletiva (FIP) e psicóloga (UFPB) com formação clínica em Terapia Cognitivo Comportamental, atuando também em psicologia hospitalar. Experiência nas áreas de psicologia em Saúde Pública, psicologia social e psicologia clínica com enfoque na Terapia Cognitivo Comportamental. Integrante do Núcleo de Pesquisas Vulnerabilidades e Promoção de Saúde da Universidade Federal da Paraíba, atuando principalmente nos seguintes temas: gênero, saúde pública, acesso às informações, vulnerabilidades e DST/Aids.

Link para Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0883690623843730>

Ana Alayde Werba Saldanha Pichelli (analayde@gmail.com)



Graduação e Formação em Psicologia pelo Instituto Paraibano de Educação (1985), Especialização em Saúde Coletiva (1996), Mestrado em Psicologia (Psicologia Social) pela Universidade Federal da Paraíba (1998); Doutorado (2003) e Pós-Doutorado (2012) em Psicologia pela Universidade de São Paulo (USP). Atualmente é professor Associado I da Universidade Federal da Paraíba, no Programas de Pós Graduação em Psicologia Social (Mestrado e Doutorado - UFPB), onde desenvolve pesquisas com ênfase na Atenção Primária em Saúde, trabalhando com os seguintes temas: Aids, ações e programas na unidade básica, prevenção e promoção da saúde, saúde do adolescente, vulnerabilidade, gênero, terceira idade. É coordenadora do Núcleo de Pesquisa Vulnerabilidades e Promoção da Saúde (UFPB). Atua como pesquisadora do Programa de Atendimento Psicossocial à Aids vinculado a FFCLRP/USP.

Link para Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3894708493299308>